

Desvio _ Proposições vagantes no sul do Brasil e seus desdobramentos em videoarte.

DARA DE MORAES BLOIS¹; PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA²;
EDUARDA (DÚDA) GONÇALVES³ (orientadora);

¹Universidade Federal de Pelotas – darablois@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com(orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como gatilho questões suscitadas no projeto de pesquisa *Proposições vagantes – mulheres artistas suleando contextos tendo como ponto de partida o sul do Brasil*, sob orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves e a colaboração das professoras/pesquisadoras: Raquel Ferreira e Claudia Zimmer, e também está vinculado ao Grupo de Pesquisa *Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC* (CNPq/UFPe). O projeto, *Proposições Vagantes*, tem como objetivo percorrer rotas flúvio-marítimas e terrestres, a distintas coordenadas geográficas, inicialmente pela rota do charque em estado de prospecção e envolvimento com o contexto social, geográfico, cultural, científico e natural visitado, ampliando o processo de instauração e partilha da arte contemporânea pela observação de mulheres artistas residentes nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Brasil.

Desta maneira, apresento nesta escrita, reflexões decorrentes do processo de feitura da videoarte intitulada *Desvio*, resultante da concessão de Bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq/UFPe que surge da captura audiovisual de uma série de deslocamentos realizados na cidade de Pelotas. Por meio deste trabalho apresento meu ponto de vista do percurso que realizei na cidade de Pelotas, mais precisamente ao me deslocar até e a charqueada São João, onde se localiza um dos polos turísticos da região, às margens do Arroio Pelotas.

O método utilizado nesta primeira incursão dialoga com este passado de transeuntes pelo local, onde caminhei para investigar o lugar. Desta maneira, para pensar o caminhar enquanto um conceito da arte, trago como referencial o livro *Walkscapes* (2013) do arquiteto e pesquisador Francesco Careri.

Do caminhar colete vídeos, que capturam o movimento do percurso realizado. Assim, para dar aporte para uma discussão em torno do vídeo como um meio da arte contemporânea, apresento as reflexões da pesquisadora Christine Mello (2007) que aponta para a potência do vídeo enquanto um meio que é aberto, que atua facilmente em conjunção com outras operações artísticas.

Deste modo, me coloco enquanto artista para prospectar e pensar o contexto, geográfico, cultural, social que compõem a cidade de Pelotas. Assim, penso o ato percorrer contextos como método para abordar e pensar relações culturais e subjetivas, com os espaços e tempos do centro e bairros da cidade, por meio da arte.

2. METODOLOGIA

Os deslocamentos, que são a base para o trabalho aqui apresentado, ocorreram entre os anos de 2019 e 2020, e se estabelecem no sentido centro de Pelotas para ao bairro areal, na orla do arroio Pelotas, região onde se encontram as

charqueadas. Neles, passo a perceber que tanto nos dois ambientes – centro e bairro da cidade de pelotas - quanto no vídeo ocorre uma passagem e sobreposição de tempo, de um ambiente totalmente polifônico, de carros que buzina, de prédios que nos engolem, para um completamente oposto, um lugar mais silencioso, com densa vegetação, propício para o descanso e à contemplação.

Meu deslocamento se inicia quando saio de casa para ir em direção a residência da professora Eduarda, onde iria encontrá-la juntamente com um grupo de participantes do projeto. Com fascínio pelo percurso e pela passagem de tempo comecei a captar com meu dispositivo móvel o deslocamento de carro, gravando sempre de modo a capturar a verticalidade da cidade, dos prédios, das ruas e da movimentação urbana. Esse mesmo movimento de captura do espaço se repete quando partimos para o destino final, a charqueada São João, onde fui cuidando atentamente para o percurso, mediada pelas janelas do carro e pela câmera do celular.

Ao juntar a gravação pude perceber que quanto mais avançava na direção contrária do centro da cidade e dos grandes prédios para o bairro de pequenas casas e construções precárias, que se tornavam cada vez mais espaçadas, toda urgência e movimento frenético começava a diminuir. Surgiam frestas, de onde brotava a presença da natureza, desacelerando o tempo, revelando uma outra Pelotas para mim, bem como, um passado que ainda faz presente, especialmente na arquitetura.

Quando cheguei no portão da Charqueada São João, caminhei juntamente com grupo de pesquisa em direção à casa construída em 1737, que tornou-se um museu. Pelas gravações nota-se uma grande passagem de tempo desde o portão até a chegada na frente do prédio. Nosso intuito era conhecer a construção, os objetos e a história do local, no entanto não conseguimos ingressar e isso foi o primeiro movimento para o Desvio, logo precisávamos encontrar uma alternativa de desvendar esse lugar.

Então, começamos a olhar ao redor da casa, e a situação que pareceu adversa no começo, surgiu como uma possibilidade, um *desvio* das maneiras de experimentar aquele lugar, ao explorarmos os arredores Seguimos um caminho que nos levava para um espaço vizinho, onde avistamos outro público; de moradores da própria região, que utilizavam da propriedade vizinha para acessar o arroio e se divertir desfrutando da natureza; ao irmos a este outro local, desviamos de rota gerando uma outra maneira de praticar aquele espaço. Deste modo, realizamos um passeio semelhante ao que Francesco Careri (2013) aponta ao discorrer sobre a cidade banal dos Dadaístas, que em 1917 se voltavam não para os pontos turísticos de Paris, como a Catedral de Notre Dame, mas para os terrenos abandonados, insólitos e banais, que não interessavam para o grande público.

Desta maneira, tornei a gravar com meu dispositivo e destaco que desses desvios encontrados no caminho é que surge o título do trabalho. É um desvio do que é comumente programado para um local que também tem suas peculiaridades e provocam experiências. Mas um desvio no tempo, da cidade, do que corre e passa rápido, para o momento de contemplação, prospecção e reflexão.

No retorno para cidade, percebo novamente o câmbio de tempos. Saindo do verde e lento, e do silêncio, para adentrarmos novamente no asfalto e concreto, e ruído, que compõem a cidade. O que mais me tocou nesses deslocamentos, foi então, a justaposição desses tempos, um mais lento, calmo, e outro veloz da cidade. Além disso, o fato de não termos adentrado ao lugar que costumeiramente é visitado por

quem vai até a charqueada. Experienciei o lugar de uma maneira mais similar aos locais, a aqueles que habitam aquela paisagem.

Assim, utilizo do meio tecnológico, por meio de dispositivos móveis como por exemplo o celular, para captar tanto com fotografia quanto vídeos o deslocamento que faço, pensando no modo de cartografar essa caminhada/passeio de carro na saída de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado implica na junção dos vídeos que fiz acerca do deslocamento dado com o grupo totalizando 2 min e 30 segundo (link do vídeo: <https://wp.ufpel.edu.br/deslocc/2020/09/22/producoes-dos-integrantes/>) (Fig. 1 e 2).

Os vídeos separadamente deram cerca de 1 hora 50 min e fiz num total de 15 fotografias. Quis retratar no trabalho a passagem do tempo, propondo a sobreposição como forma de complementação. Pois o tempo é completamente diferente entre a cidade e o local onde estávamos e isso me impactou de certa forma a fazer a videoarte.



Figura 1 e 2. Dara Blois, Imagens captadas da videoarte *Desvio*. 2020

O vídeo surge como o meio pelo qual eu capturo a espacialidade e a temporalidade local, durante o deslocamento. Ele me revela a dicotomia entre os tempos desses lugares. Christine Mello ao discorrer sobre o vídeo, reitera a permeabilidade deste meio, que atua em conjunção com outras operações. Segundo a autora:

Embora o vídeo sempre tenha se caracterizado por sua natureza híbrida, podemos ver, hoje, essa hibridez associada à grande parte do conjunto de operações artísticas, permitindo a esse meio uma forma de extrapolar a sua pluralidade interna e produzir um alargamento de sentidos. É sob essas novas abordagens que se refletem os seus deslocamentos ou as marcas de extremidade em sua linguagem. (MELLO, pg.19, 2004)

Desta maneira, é por meio do vídeo que eu busco ressignificar esse deslocamento, trazendo meu olhar para essa paisagem das bordas de pelotas, e sobrepô-la á do centro. O projeto de pesquisa, tem o propósito investigativo acerca da prospecção do deslocamento, da transformação e reinventar os modos de existir e potencializar as representações simbólicas do espaço e de quem ou de que o habita a partir do contexto artístico e contemporâneo no sul do Brasil. A minha maneira de dar a ver a conexão entre esses dois lugares, e tempos, bem como suas disparidades é através do vídeo. Deste modo, ainda de acordo com Christine Mello: o “vídeo passa a ser compreendido como um procedimento de interligação midiática e a ser valorizado como uma rede de conexões entre as práticas artísticas”. (MELLO, p.22, 2004)



Deste modo, trago como referência para pensar a linguagem do vídeo, sua relação com o caminhar e o tempo, o trabalho *Projeto para curvar o corpo*, da artista Carla Chaim, no qual ela percorre a linha divisória das margens de a areia da praia que aparece estática e um rio, repleto de movimento. A artista com seu corpo percorre esse entre, dois espaços e tempos, que se encontram justapostos. De certa maneira, em *Desvio*, busco realizar uma operação semelhante, só que sobrepondo as camadas de vídeo, trazendo esse entre dois tempos que tem como vetor, de certa maneira, meu corpo, que realizou o deslocamento entre esses lugares.

4. CONCLUSÕES

O deslocamento é o meio pela qual podemos encontrar motivações para o desenvolvimento de produções artísticas, assim como estar abertos a experiências que surgem no caminho, também são possibilidades de encontrar questões que dizem respeito a cultura atual. Isso porque, nos propusemos a prospectar um contexto que revelava um passado da cidade de pelotas e acabamos encontrando o local onde a comunidade que vive no bairro, hoje desfruta da natureza e a brisa do arroio. As duas temporalidades se revelam diferentemente, conforme o uso, de um lado a tentativa de resgatar o passado, na construção do Museu da charqueada São João, do outro a presentificação dos usos atuais dos espaços vizinhos. A percepção sobre as diferenças entre a cidade central onde moro e os aspectos do bairro na orla do Arroio, assim como seus usos foram importantes para a realização do vídeo *Desvio*. Outrossim, o vídeo está disponível nas redes sociais revelando uma outra cidade e enaltecendo o ponto de vista de uma mulher artista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARERI, Francesco. **Walscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

TELLES, Norma. **Mulheres Viajantes: Sete jornadas insólitas**. São Paulo: Annablume, 2017.

Documentos eletrônicos

MELLO, Christine. **EXTREMIDADES DO VÍDEO: O VÍDEO NA CULTURA DIGITAL**. Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 19, 2004.